

HUGO

Cibercultura e a storytelling do desenvolvimento sustentável

Cyberculture and the storytelling of the sustainable development

FERRÃO

Resumo

A actual problemática do desenvolvimento sustentável entronca na Cibercultura, uma dimensão «imagnetotécnica», em que a raiz ciber é indissociável da artificialidade do «pensamento cibernético». A ideia de sustentabilidade, para além da sua vocação reformista dos mercados, sem regulação, considera primordial consciencializar a nível individual e colectivo para a destruição do meio ambiente, contudo, emergem simultaneamente as cibercracias, como forma de domínio, integrando organizações cujas sinapses estão embebidas nas «redes de redes» à escala global. Esta «alucinação consensual» (William Gibson), forma de tirania tecnológica, está intimamente ligada à crescente militarização das sociedades, e simultaneamente desvela o lado trágico da Cibercultura.

Na Cibercultura engendra-se a imagem do corpo tecnicizado, pois a existência real tornou-se insuportável, os humanos tornaram-se prescindíveis, ao serem substituídos na sua condição escrava do trabalho, por máquinas; o lugar do homem vaporizou-se no lucro das transnacionais.

O desenvolvimento sustentável (sustentabilidade) aparentemente encarna a maior consciência da necessidade do pensamento ecológico como forma de abordar a problemática do domínio total da natureza e da sua conversão em mercadoria.

A condenação do homem ao desastre da errância tecnológica, deambulando pelas redes em busca de sentido para a existência, tem provocado uma mudança profunda em termos imagéticos. Este «nomadismo estático», configura a identidade virtual apolítica. As pessoas passaram a ser vislumbradas como «entidades provisórias» cujo carácter transitório é atomizado e vaporizado no terror da antevisão apocalíptica previsível.

O «citor» é uma entidade mediadora não privilegiada (mecanismo natural finalizado) que transporta a nostalgia de uma história de vida enquanto espécie, mas cujo relacionamento com a natureza se encontra cada vez mais dependente de interfaces de dispositivos tecnológicos tão sofisticados que podem manipular a própria composição genética do organismo humano (nanotecnologias), criando mutações apenas sonhadas pelos deuses.

Palavras chave

Cibercultura, cibercracia, sustentabilidade, citor.

Abstract

The current problematics of the sustainable developmente entronc in the cyberculture, an «technoimaginary» dimension, in which the root cyber, it is indissoluble of the artificiality of the cybernetic thought. The idea of sustainability, for besides his reformist vocation of the markets, without regulation, thinks to be conscious at individual and collective level for the destruction of the natural environment, nevertheless, there surface simultaneously the Cybercracies, like form of power, integrating organizations which sinapses are soaked in the nets of nets to the global scale. These «agreed hallucination» (William Gibson), the form of the technological tyranny, is intimately connected with the growing militarization of the societies and at the same time it reveals the tragic side of the Cyberculture.

In the Cyberculture is dreamed up the image of the technical body, since the real existence became unbearable, the human ones became dispensable, when slave of the work was substituted in the human condition, for machines; the humanist place of the man was vaporized in the profit of the «global enterprises».

The sustainable development apparently embodies the biggest conscience of the necessity of the ecological thought like the form of boarding the problematic of the total power of nature and his conversion in commodity to consume.

The condemnation of the man to the technological disaster, provokes the stroll about for the nets in search of the sense for the existence, has been provoking a deep change in terms of the imaginary one. This «static nomadism» shapes the virtual nonpolitical identity. The Persons started to be glimpsed like «provisional entities» whose transitory character is atomized and vaporized in the terror of the foresight apocalyptic predictable.

The «cythor» is an entity mediator not privileged (natural finished mechanism) that transports the nostalgia of the history of life while species, but which relationship with the nature is more and more dependent of interfaces of technological devices so sophisticated that can manipulate the genetic composition itself of the human organism (nanotechnology), creating changes only dream by the gods.

Key words

Cyberculture, cybercracy, sustainability, cythor.

¹ O Programa Erasmus na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa é Coordenado pelo Director desta instituição Luis Jorge Gonçalves e na *Facultad de Bellas Artes de la Universidad del País Vasco* o *Vicedecano de Relaciones Internacionales*, Ignacio Silván Martínez.

Este artigo resulta da síntese de três conferências realizadas na *Facultad de Bellas Artes de la Universidad del País Vasco* no âmbito do Programa *Erasmus-Mobilidade de Docentes*¹, em Junho de 2010, que se intitulavam: «1 Arte e Imagética Pós-humana», «2 Ciberarte – Objectos Inteligentes» e «3 Citor – Actos Primordiais», subordinadas à temática da Cibercultura e ao impacto das novas tecnologias de matriz digital na formalização do discurso artístico, bem como à apresentação do conceito de Citor, uma entidade virtual criada e investigada pelo autor. Referimos o papel dinâmico do Professor Catedrático Luis Badosa Conill, na concretização de colaborações entre a Faculdade de Belas-Artes do País Basco e a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, bem como o responsável pelo Departamento de Pintura Fito Ramirez-Escudero e o Decano Josu Rekalde Izagirre pela forma positiva como têm recebido os projectos que ligam as Instituições, alunos e professores e se desejam realizáveis num futuro próximo.

A actual problemática do desenvolvimento sustentável entronca na Cibercultura, uma dimensão «imaginotécnica», em que a raiz *ciber* é indissociável da artificialidade do «pensamento cibernético» que possui a particularidade de construir modelos em qualquer domínio do conhecimento, indiferentemente das categorias pré-estabelecidas, o que significa a contaminação uniformizante de toda a constelação disciplinar que caracteriza saberes e o pensamento humano.

A noção rizomática da Cibercultura, fortemente enraizada nas redes, projecta-nos no ciberespaço, uma nova dimensão virtual sistémica cuja aura ganhou proporções inimagináveis, omnipresente na naturalização dos dispositivos tecnológicos, omnisciente instantaneamente e onipotente na virtualização tornada real. A sustentabilidade da Cibercultura obedece a determinados protocolos que não devem ser corrompidos, sob pena de perigar a operacionalidade de todo o sistema, porém a utopia democratizante do conhecimento para toda a humanidade que anunciava um novo horizonte civilizacional como estava na mente dos pioneiros da Cibercultura, depressa foi contaminada e passou a reproduzir as velhas estratégias ultraliberais de territorialidade e de cotas de mercado.

A ideia de desenvolvimento sustentável, para além da sua vocação reformista dos mercados, sem regulação, o que nos deixa algumas reservas quanto aos seus propósitos, considera primordial consciencializar a nível individual e colectivo para a destruição do meio ambiente. A Terra é um planeta vivo, um ecossistema altamente complexo, esta complexidade só pode ser melhor compreendida pela interposição de filtros tecnológicos que monitorizam (satélites) segundo a segundo, o estado do *corpus naturalis*, o exemplo da simples introdução do

programa informático *Google Earth*, em rede e a acessibilidade, *just in time*, a toda a humanidade, alterou substancialmente a visualização e as «visitações» de qualquer ponto da Terra, ampliando a consciência individual e colectiva para a «urgência» de todos fazerem um grande esforço (cultura do sacrifício) para que poucos possam continuar a usufruir da totalidade das múltiplas sustentabilidades.

A arqueologia do conceito *cybernetics* (cibernética) passa inevitavelmente por Norbert Wiener (1894-1964), um matemático norte americano que em 1948 publica, através do *Massachusetts Institute of Technology*, o livro intitulado *Cybernetics, or Control and Communication in the Animal and the Machine*, onde elabora uma teoria de comando e comunicação aplicável tanto à máquina como ao homem. Wiener procurava estabelecer a comunicação entre máquinas e humanos e humanos e máquinas; como é que se poderia «falar-comunicar», com o propósito de exercitar, testar e construir um modelo foi utilizado o jogo de xadrez, cuja complexidade é sobejamente conhecida, mas que em vez de dois jogadores humanos, tinha um humano e como adversário um computador programado para dar resposta às jogadas de forma a ser capaz de prever a intenção e conseqüências de cada movimento no tabuleiro.

Verificou-se que a partir do momento em que a programação conseguiu determinar as vastíssimas variantes das múltiplas combinatórias de cada jogada, (embora pareçam infinitas são um campo delimitado), não existia nenhum oponente humano capaz de ganhar à máquina porque esta é inumana, não têm esquecimento, não se distrai, espelha a denotação das linguagens científicas da inteligência artificial, é à prova de erro, é de uma fiabilidade total.

Segundo Pierre Lévy: «(...) a Cibercultura exprime a ascensão de um novo universal, diferente das formas culturais que a precederam na medida em que ele se constrói sobre a indeterminação de um



FIG. 1
Imagens de «auto-retratos» de Ana Vasques, à direita e de João Ceitil, obras realizadas no contexto programático da disciplina de CiberArte I, no 1.º Ciclo de Pintura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa 2010.

qualquer sentido global». A comunicação passou a ser interpretada sistemicamente; a partir do momento em que o corpo humano se considera um «organismo natural finalizado», sendo o seu genoma um «pacote de informação específica», que não denota qualquer privilégio, o que significa ter uma matriz próxima de outras formas de vida que possuem histórias, narrativas, e inteligências passíveis de comunicação, estamos perante um quadro científico que se distancia do ser, interpretando-o como mais uma das «máquinas vivas» existentes, o que provocou um descentramento total, do «lugar» do homem em termos existenciais, que urge resignificar.

A obsessiva «cientificação» da vida humana, através do exercício de poderes difusos, que já chegam à própria privatização da vida, e se encontram para além dos poderes tradicionais dos estados, cuja retórica política da «crise» anuncia mediaticamente a eminência de *crash* insuspeito a qualquer momento, porque se perdeu politicamente a dimensão de bem comum.

Emergem as cibercracias, como forma de domínio, integrando organizações cujas sinapses estão embebidas nas «redes de redes» à escala global. Esta «alucinação consensual» (William Gibson), forma de tirania tecnológica, está intimamente ligada à crescente militarização das sociedades, e simultaneamente desvela o lado trágico da Cibercultura, em que a problemática da incomunicabilidade é central, porque se torna humanamente imprevisível, indecifrável e imperceptível na sua não ocultação tecnológica. Ironicamente esta insustentabilidade da incomunicabilidade é identificada como causa de subdesenvolvimento, como bloqueio civilizacional, pois não permite as interações hegemónicas potenciadoras de imposições consumistas.

A comunicação tornou-se na sua imaterialidade a matéria mais preciosa entre humanos, no entanto, e em parte devido à convergência e manipulação da informação proveniente de todos os quadrantes científicos levantaram-se outras hipóteses comunicativas muito concretas, de se poder dialogar, interagir com «máquinas inteligentes», aceder às múltiplas «narrativas» das espécies do ecossistema, de forma a perceber o seu *modus operandi* das plantas, dos pássaros, ou dos insectos, e por último contactar com «inteligências alienígenas» que nos questionam de cada vez que olhamos céu estrelado numa noite de verão. Podemos estar a viver um momento de enorme importância pois tornou-se possível interpretar oceanos de informação e vir a ter novas visões humanizantes.

Na Cibercultura engendra-se a imagem do corpo tecnicizado, pois a existência real tornou-se insuportável, os humanos tornaram-se

prescindíveis, ao serem substituídos na sua condição escrava do trabalho, por máquinas; o lugar do homem vaporizou-se no lucro das transnacionais. Vastos segmentos da população estão envolvidos nos programas políticos das drogas, com «dosagens» consentidas, só encontrando formas de se «rebelar» e «pacificar» no mundo virtual. A economia digital, ensaiada tridimensionalmente do «*Second Life*», o jogo da vida virtual, provoca o desaparecimento de países, condenando pessoas reais a sacrifícios inumanos, abdicar de si, não pensar, e tal como o mito de Prometeu marca o advento da consciência e o aparecimento do homem, também a profunda ruptura epistémica que se opera com a Cibercultura pode conduzir à apologia do «homem sem qualidades» (Mário Perniola), às «*Kate Moss Machines*» (Christian Salmon) que na sua qualidade camaliónica, se transformam em «pessoas *ready made*», próxima da ideia do *ciborg*, organismo híbrido (biónica) capaz de se adaptar a qualquer situação, em qualquer ponto do planeta, e programado com «colagens de linguagens universais» capazes de protocolos comunicativos ao nível das culturas em presença.

Viviane Forrester (1925) em «Uma Estranha Ditadura, a Opressão Ultraliberal», um livro de grande actualidade, escreve sobre a sustentabilidade das cibercracias com grande clarividência:

Adaptar-se, é a directiva geral! Adaptar-se e voltar a adaptar-se! Adaptar-se ao facto consumado, às fatalidades económicas, às consequências dessas fatalidades, como se a conjuntura fosse em si fatídica, a História estivesse concluída e a época bloqueada para sempre. Adaptar-se à economia de mercado, subentenda-se à economia especulativa. Adaptar-se aos efeitos do desemprego, ou seja, à sua exploração desavergonhada. Adaptar-se à globalização, ou seja, à política ultraliberal que detém a respectiva gestão. Adaptar-se à competitividade, ou seja, ao sacrifício de todos com vista a obter a vitória de um explorador sobre outro explorador, um e o outro participando no mesmo jogo. Adaptar-se à luta contra défices públicos, ou seja, à destruição metódica das infra-estruturas essenciais e à supressão programada das protecções sociais e das conquistas sociais².

² Forrester, Viviane, «Uma Estranha Ditadura», a *Opressão Ultraliberal*, Lisboa, Teramar, 2000. p. 25.

A mediatização das imagens e a sua descodificação universal, está ancorada na visibilidade, porque os humanos estão equipados com olhos, e possuem uma visão estereoscópica (3D), no entanto a significação das imagens percebidas remete-nos para o quadro semântico feito na experiência de um determinado contexto cultural. Uma linguagem técnica como o inglês, adoptado à escala planetária pelas sociedades pós-industriais é o exemplo da desactivação de toda a subjectividade ou dimensão poética (língua de tradição), das diversas auras e enigmas que as palavras possuem, aproximando-nos

da denotação total do *bit* (*binary digit*), um código binário (*on* e *off*) que permite aos computadores armazenar e tratar dados de forma a apresentar informação inteligível.

Tal como aconteceu ao conjunto vastíssimo de famílias de equipamentos e dispositivos analógicos que tiveram de se mutar tecnologicamente para convergir na matriz digital, poderá acontecer num futuro próximo, a «necessidade sustentável» de anular a diversidade cultural, filtrando «ruídos» indesejáveis se condicionarmos e criarmos a circularidade imagética, se formos capazes de intensificar o desnudamento cerebral provocado pela constante substituição do exercício das tecnologias intelectuais humanas por «máquinas» possuidoras de «*software* inteligente» que mimetizam a plasticidade do pensamento humano, e transformarmos a oralidade em *SMS* (*Short Message Service*), teremos boas perspectivas para a construção de um vazio totalitário no campo das ideias, que caracteriza o actual quadro político mundial, e estaremos em condições da quase extinção do pensamento divergente, veículo capaz de gerar novos horizontes, novas visões humanizantes.

O desenvolvimento sustentável (sustentabilidade) aparentemente encarna a maior consciência da necessidade do pensamento ecológico como forma de abordar a problemática do domínio total da natureza e da sua conversão em mercadoria. Hoje é possível empacotar a água mais cristalina dos Andes e vendê-la em *New York* por preços astronómicos, quando as populações andinas têm dificuldade em beber água potável de boa qualidade, o que nos leva a suspeitar que a tecnologia foi sempre uma forma de poder do tipo: «como poucos podem dominar muitos». A sustentabilidade reproduz os habituais modelos já testados pela indústria da ecologia que a coberto de «demotecnocracias» criam governos de alcateias de técnicos, alinhados com grandes grupos económicos privados com o poder de legislar, desregular e sacralizar a globalização como fonte inesgotável da mais objecta exploração do homem com o fim último de atingir lucros inimagináveis.

O conhecimento transformou-se numa especiaria altamente apetecível, valorizada ao máximo quando integrada em narrativas económicas ficcionadas que modelam a realidade, contudo a produção dessa especiaria está dependente da cumplicidade dos investigadores e da ciência, que jogam papel determinante. A experiência científica é uma *téchne*, que quando bem faseada e ritualizada apresenta resultados finais estáveis, repetíveis, surgem coisas-objects que se podem reproduzir mantendo as qualidades específicas, hoje, o *copy-paste* multiplica ao infinito a imaterialidade das mercadorias virtuais, deseja-se um consumo sem vestígio material.

A viabilização e sustentabilidade dos projectos e dos laboratórios de investigação passaram a estar directamente dependentes da capacidade de atracção (*marketing-management*) empresarial dessas instituições, que abandonaram toda a investigação «pura» e «identificaram» as áreas mais prometedoras e de maior interesse económico para as mega empresas privadas, capazes de patrocinar e simultaneamente conduzir a decapitação do investimento público nesses sectores vitais, (basta ver a política orçamental dos governos para o sector do Ensino, a qualquer nível, e para as unidades de Investigação e Desenvolvimento) cuja missão deveria visar a melhoria das condições de vida da população em geral.

Podemos perguntar-nos, numa «cultura de sacrifício dos outros», qual é o sentido da energia eólica, que faz parte da panóplia de indústrias ecológicas, quando esta tem custos energéticos elevadíssimos e nada se repercute na melhoria das condições de vida das populações... apenas se faz chegar ao consumidor final a factura invisível de um saque imposto, autorizado, sancionado pela obrigatoriedade de se aceitarem os preços dos cartéis legalizados, que anualmente apresentam biliões de lucro a distribuir pelos accionistas. Resta a suspeição de que algo não está bem

A ideia de sustentabilidade está associada aos movimentos juvenis contracultura da década de 60, nas sociedades industriais, fundamentalmente nos Estados Unidos e na Europa, que tiveram grande impacto social e político, porque obrigaram os respectivos governos e a opinião pública, a maior consciencialização sobre os problemas da Terra enquanto ecossistema. Os efeitos da poluição devastadora imposta por esses países degradaram globalmente o meio ambiente numa escala nunca antes vista (Rachel Carson-1962), os índices de consumo e abundância resultaram num excessivo desperdício contrastando com os países em desenvolvimento ou mesmo pobres, sendo estes muitas vezes os produtores dos alimentos que as suas populações nunca puderam

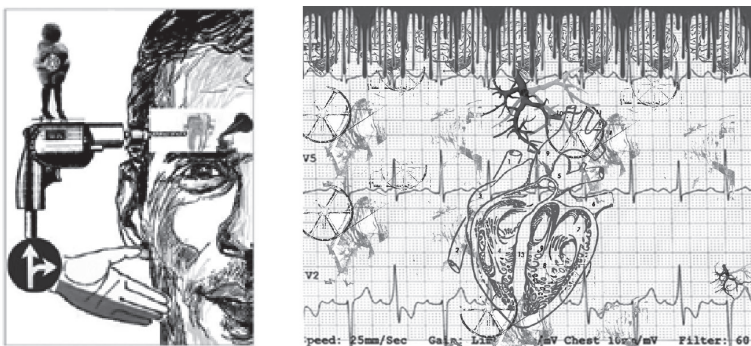


FIG. 2
Obras da autoria de Isaque Andrade (2010) em que a questão da sustentabilidade e da relação com a natureza são determinantes na sua obra.

usufruir, quer por contratos draconianos de exclusividade ou pelos preços atingidos, pelas matérias primas em bolsa. Referimos, mais uma vez, que determinadas «famílias» se apossaram de sectores energéticos vitais que podem paralisar nações e inviabilizar a vida.

Será já na década de 80, depois do declínio desses movimentos juvenis de contracultura, que as Nações Unidas finalmente produzem um relatório (O Nosso Futuro Comum-1987), em tempo de *yuppies*, onde dão conta que o actual modelo de desenvolvimento baseado numa economia ultraliberal não é sustentável e desembocará numa sucessão de rupturas abruptas da economia virtual (*crash*), porque a volatilidade dessa economia está à distância de um teclado de computador, deixou de ter correspondência com a realidade. A Cibercultura acelera a insustentabilidade da realidade concreta, reconhecemos que as condições sociais, políticas, económicas e tecnológicas se têm deteriorado vertiginosamente e são determinantes para a degradação do ambiente. É sabido e divulgado por movimentos como a *Green Peace* e um pouco por todos os partidos *green* que começam a ter expressão política e assento nos parlamentos (década de 80) dos países mais desenvolvidos tecnologicamente que são precisamente estes, os principais responsáveis por cerca de 80% da poluição e igual percentagem da rapina dos recursos naturais em todo o planeta (Hans Dieleman).

A enorme dificuldade da relação com a natureza, quando reduzida a *stock* para a usura (Martin Heidegger) de alguns e consumo massificante para todos, define a forma autista como os principais actores desta encenação dantesca interagem, evocando o pensamento sistémico como algo exterior às suas superiores prioridades, o que mais uma vez comprova a enorme ignorância perante os impactos negativos de enorme complexidade, pois sabemos muito pouco sobre biodiversidade, e normalmente com consequências catastróficas (centrais nucleares, barragens, gasodutos, *pipeline...*), que inevitavelmente matam e desertificam a Terra que pode tornar-se um planeta inabitável.

O movimento artístico da *Land Art*, (Walter de Maria, Richard Long, Dennis Oppenheim, Christo e Jeanne-Claude, 1960) retrata de forma categórica esta relação autista com a natureza, ao recuperar as ressonâncias de um primitivismo primordial, também sob a forma do mito do eterno retorno (Mircea Eliade) em que a natureza passa a ser interpretada como objecto cultural que protagoniza o imaginário do artista. As sociedades pós-industriais ocidentais são as herdeiras directas de uma devastação ecológica em larga escala, nunca antes testemunhada, pelo que as intervenções artísticas sobre a natureza, entendida como corpo de paisagem estetizável, contribuíram para gerar



FIG. 3

No espírito da *Land Art*, obras de Walter de Maria (à esquerda) intitulada: «Campo Iluminado» (1977). e de Christo & Jeanne Claude (centro e direita) «Reichstag Embrulho (1999) e «Ilhas Contornadas» (1983).

uma nova consciência ecológica. Estas manifestações artísticas têm muitas vezes um carácter projectual, de acções dirigidas, coordenadas, cujo principal intenção é a humanização dum tempo e dum espaço.

A noção e implicação da diversidade cultural é uma das ideias fundadoras do desenvolvimento sustentável, exigindo reequacionar todo o modo de viver: «Tudo que é sustentável necessita e produz cultura: como modo de comunicação e actuação que cria formas, que desenvolve, reflecte, modifica através de orientações de valores e contrabalança interesses económicos, ecológicos e sociais.» (Manifesto de Tutzing).

A condenação do homem ao desastre da errância tecnológica, deambulando pelas redes em busca de sentido para a existência, tem provocado uma mudança profunda em termos imagéticos. Este «nomadismo estático», configura a identidade virtual apolítica, capaz de invadir e descodificar qualquer código de segurança (*password*), ignorando qualquer ideologia ou grupo político, tal como é ignorado. Este posicionamento ahistórico, apolítico, indiferente, sem militância organizada, indetectável, mas com «liquidez idiossincrática» permite, em tempo real, elaborar formas de reacção muito particularizadas, pouco usuais, com especial impacto no domínio das cibercracias.

A Cibercultura, é o mundo da «técnica», o mundo no qual o cosmos, a natureza, os deuses, o sistema completo na sua articulação íntima se expõe como «técnica»: **mundo de uma ecotécnica.** (Jean-Luc Nancy) a «criação» é a *techné* dos corpos. O nosso mundo cria a maior parte dos corpos, cria-se enquanto mundo dos corpos, a carne do «citor» é constituída por «metadados» mutados em conhecimento.

Contextualizámos o «citor» como um produto derivado do totalitarismo tecnológico do fim do século XX, da cientificação e do constante constrangimento virtual e biotecnológico a que foi votada a existência dos seres humanos. As pessoas passaram a ser vislumbradas como

«entidades provisórias» cujo carácter transitório é atomizado e vaporizado no terror da antevisão apocalíptica previsível, nas dissidências tão angustiadas e simultaneamente tão lúcidas, como é o caso do terrorista filósofo «Unabomber», pseudónimo de Theodore Kaczynski, que no seu «Manifesto do Unabomber, O Futuro da Sociedade Industrial», grandes inquietações quanto a um futuro próximo.

A ciberexistência do «citor» deve-se, em grande medida, ao território virtual chamado *cyberespace* (ciberespaço), composto por objectos informáticos multidimensionais, redes de redes, incontroláveis na sua imaterialidade. A «mitologia tecno» e a insustentabilidade - *no future* (sem horizonte) está enraizada na crescente exclusão pós-industrial (trabalhador-unidade de produção de bens materiais) e simultaneamente ancorada na hiperalienação consumista de bens imateriais.

O «citor» funciona como descritor do desaparecimento do autor como criador individual de narrativas, o que significa ser capaz de se dizer mitologicamente, acentuando a rarefacção das práticas artísticas, poéticas e subjectivas que passam a pertencer ao mundo das manifestações tecno-artísticas em que as significações deixam de impregnar e instaurar imagetivamente o mundo, passando este a ser produzido por motores exploratórios de hiper-realidades capazes de coisificar, não metaforicamente, mas materializando a pós-humanidade.

O corpo humano converteu-se num arquivo-ficheiro genético, que se abriu digitalmente à comunidade através do «Projecto Genoma Humano». O inconsciente passou a ser um arquivo de todas as experiências traumáticas que definem a nossa identidade.

O «citor» é uma entidade mediadora não privilegiada (mecanismo natural finalizado) que transporta a nostalgia de uma história de vida enquanto espécie, mas cujo relacionamento com a natureza se encontra cada vez mais dependente de *interfaces* de dispositivos tecnológicos tão sofisticados que podem manipular a própria composição genética do organismo humano (nanotecnologias), criando mutações apenas sonhadas pelos deuses.

A nossa identificação existe em bases de dados nas quais se podem recuperar fragmentos de uma manifestação corpórea de forma arbitrária e à qual falta uma «grande narrativa unificadora» que começa a ser contada pela invenção do conceito de sustentabilidade como um portal ecossistémico que nos introduz nas boas práticas interculturais, de preservação do meio ambiente, a relação com o campo da arte, encarado como um «processo de investigação», uma forma de conhecimento transdisciplinar pode ter papel relevante na dimensão

hipermédia em que as ideias passam a ser esculpidas tridimensionalmente e ganham novas paisagem que intuímos, que sentimos, imagens nunca antes vistas que nos emocionam e despertam para novas formas de representação e existência.

Bibliografia

AAV, *ELECTRONIC CULTURE: TECHNOLOGY AND VISUAL REPRESENTATION*. New York: Aperture, 1996.

AAV, *ARTE DO SÉCULO XX*, vols. I e II, Lisboa, Taschen, 1999.

Dery, Mark, *VELOCIDADE DE ESCAPE: CIBERCULTURA NO FIM DO SÉCULO*. Coimbra: Quarteto Editora, Coleção Ciberculturas, 1, 1995.

Dieleman, Hans, «Sustentabilidade como Inspiração para a Arte». *CADERNO VIDEOBRASIL*, 02 (...), pp. 118-133.

Eliade, Mircea, *O MITO DO ETERNO RETORNO: ARQUÉTIPOS E REPETIÇÃO*. Lisboa: Edições 70, 1984.

Ferrão, Hugo, *CIBERESPAÇO COMO MATÉRIA DO SONHO: TRIBOS E TERRITÓRIOS VIRTUAIS*. [S. l.: s. n.], 1994.

Ferrão, Hugo, *PINTURA COMO HIPERTEXTO DO VISÍVEL, INSTAURAÇÃO DO TECNO-IMAGINÁRIO DO CITOR*, Faculdade de Belas-Artes. 2007. Tese de Doutoramento.

Ferrão, Hugo, «Hipertexto, Axis Mundi das Manifestações Tecnológicas Artísticas». *ARTE TEORIA*, n.º 6 (2005), pp. 31-40.

Forrester, Viviane, «Uma Estranha Ditadura», a *OPRESSÃO ULTRALIBERAL*, Lisboa, Terramar, 2000.

Forrester, Viviane, *O HORROR ECONÓMICO*. Lisboa, Terramar, 1997.

Heidegger, Martin, *LÍNGUA DE TRADIÇÃO E LÍNGUA TÉCNICA*. Lisboa, Veja, 1995.

Heidegger, Martin, *A ORIGEM DA OBRA DE ARTE*. Lisboa: Edições 70, Col. Biblioteca de Filosofia Contemporânea, 12, 1992.

Jude, Dick, *FANTASY ART OF THE NEW MILLENIUM, THE BEST IN FANTASY AND SF ART WORLDWIDE*, London, HarperCollins Publishers, 1999.

Kurt, Hildegard, «Arte e Sustentabilidade, uma Relação Desafiadora, mas Promissora». *CADERNO VIDEOBRASIL*, 02 (...), pp. 134-143.

- Lévy, Pierre, *O QUE É O VIRTUAL?*, Coimbra, Quarteto, Coleção Ciberculturas, 3, 2001.
- Perniola, Mario, *DO SENTIR*, Lisboa, Editorial Presença, Col. Hipóteses Actuais, 2, 1993.
- Perniola, Mario, *ENIGMAS: O MOMENTO EGÍPCIO NA SOCIEDADE E NA ARTE*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1994.
- Perniola, Mario, «A Arte e a sua Sombra», Lisboa, Assírio & Alvim, col. *ARTE E PRODUÇÃO*, n.º 60, 2006.
- Prieto, Miguel Ángel, *BLADE RANNER*, Madrid, T&B Editores, Colección Making Of, 2008.
- Salomon, Christian, *STORYTELLING, LA MÁQUINA DE FABRICAR HISTÓRIAS Y FORMATEAR LAS MENTES*. Barcelona, Ediciones Península, 2010.
- Salomon, Christian, *KATE MOSS MACHINE*. Barcelona, Ediciones Península, 2010.
- Tutsinger Manifest, <http://www.kupoge.de/ifk/tutkinger-manifest/>.
- Umberto, Eco e Carrière Jean-Claude, *A OBSESSÃO DO FOGO*. Lisboa, Difel, 2009.
- Vattimo, Gianni, *ACREDITAR EM ACREDITAR*, Lisboa, Relógio d'Água, Col. Religiões, 1998.
- Virilio, Paul, *A VELOCIDADE DE LIBERTAÇÃO*. Lisboa, Relógio d'Água, 2000.
- Wiener, Norbert, *CIBERNÉTICA O EL CONTROL Y COMUNICACIÓN EN ANIMALES Y MÁQUINAS*. Barcelona: Tusquets, 1998.
- Wiener, Norbert, *INVENTAR: SOBRE LA GESTACION Y EL CULTIVO DE LAS IDEAS*. Barcelona: Tusquets, 1995.